



Mercator - Revista de Geografia da UFC

ISSN: 1984-2201

edantas@ufc.br

Universidade Federal do Ceará

Brasil

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira
DE LÁ PARA CÁ, O RIO DAS CONTAS DESENHANDO... SUAS PAISAGENS
Mercator - Revista de Geografia da UFC, vol. 16, núm. 5, 2017, pp. 1-15
Universidade Federal do Ceará
Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273650966002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

DE LÁ PARA CÁ, O RIO DAS CONTAS DESENHANDO... SUAS PAISAGENS

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira;^a*

(a) Dra. em Geografia. Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). <http://lattes.cnpq.br/3991631209906844>

(*) CORRESPONDING AUTHOR

Address: UESC, Rodovia Jorge Amado, km 16, CEP: 45662900, Ilhéus (BA), Brasil. Telefone: (+ 55 73) 36805112

E-mail: jaque@uesc.br

RESUMO

A inspiração para a escrita desse ensaio poético foi a imagem pictórico-poética do rio das Contas, representando as paisagens desenhadas ao longo de suas margens. Objetiva fazer uma leitura geográfica dessa estrada hídrica, em direção à interpretação e análise da sua paisagem, a partir da sua representação pictórica. De lá para cá... da nascente à foz... ou de oeste a leste, o rio das Contas percorre, aproximadamente, 500 km na Bahia, conectando três biomas: Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica. Nasce na serra do Tromba, em Piatã, e deságua no Oceano Atlântico, na cidade de Itacaré, no sul da Bahia. A análise dessa imagem seguiu os caminhos da fenomenologia, relacionando sua leitura e interpretação à compreensão das paisagens percebidas por nós e vividas pelas pessoas a navegarem suas águas e habitarem suas margens, indo além da realidade ao sentido do rio, sua essência. As principais paisagens representadas vão do verde das montanhas da Chapada Diamantina, passando pela caatinga amarela do sertão baiano, até a paisagem novamente verde da cabruca (cultivo do cacau consorciado com floresta), na Mata Atlântica no litoral sul baiano.

Palavras-chave: Rio das Contas; Imagem pictórico-poética; Paisagem.

ABSTRACT/ RESUMEN

FROM THERE TO HERE, THE DAS CONTAS RIVER DRAWING... ITS LANDSCAPES

The inspiration for writing this poetic essay was the pictorial-poetic image of the Das Contas River, representing the landscapes drawn along its banks. The essay aims to make a geographical reading of this waterway, interpreting and analyzing its landscape, based on its pictorial representation. To and fro... from the source to the mouth ... or from west to east, the Das Contas River flows approximately 500 km in the Bahia, connecting three biomes: the Cerrado, the Caatinga and the Atlantic Forest. It is born on the Tromba mountain range in the municipality of Piatã, and flows into the Atlantic Ocean, in front of the city of Itacaré, in southern Bahia. These images were analyzed using the phenomenological method, relating their reading and interpretation to the understanding of the landscape as perceived by us and lived by the people who sail on its waters and inhabit its banks, going beyond reality to the meaning of the river, its essence. The main landscapes represented range from the green mountains of the Chapada Diamantina, passing through the yellow Caatinga of Bahia's hinterlands to the green landscape of the Cabruca Forests (an agro forestry system intercropping cocoa with the forest), in the Atlantic Forest on the south coast of Bahia.

Keywords: Das Contas River, pictorial-poetic image, landscape.

DE ALLÁ PARA ACÁ, EL RÍO DE CUENTAS DIBUJANDO... SUS PAISAJES

La fuente de inspiración para escribir este ensayo poético fue la imagen pictórico-poética del Río de Cuentas, representando los paisajes dibujados a lo largo de sus orillas. El ensayo quiere hacer una lectura geográfica de esta ruta fluvial, hacia la interpretación y el análisis de sus paisajes, con base en su representación pictórica. De allá para acá... desde la naciente a la boca... o de oeste a este, el Río de Cuentas corre aproximadamente 500 km en la Bahía, conectando tres biomas: Cerrado, Caatinga y Mata Atlántica. Nace en Tromba, municipio de Piatã, Chapada Diamantina y desemboca en el Océano Atlántico, en la ciudad de Itacaré, sur de Bahía. El análisis de esta imagen fue hecha por medio de la fenomenología, relacionando la lectura e interpretación a la comprensión del paisaje percibido por nosotros y vivida por las personas que navegan por sus aguas y habitan en sus orillas, yendo más allá de la realidad hacia el significado del río, su esencia. Los principales paisajes van desde las verdes montañas de la Chapada Diamantina, atravesando la caatinga amarilla del semiárido Bahiano y retornando a un paisaje verde de bosque de cabruca (cultivo intercalado de cacao con bosque), en la Mata Atlántica en la costa sur de Bahía.

Palabras clave: Río de Cuentas, Imagen pictórico-poética, Paisaje.

Article history:

Received 31 Dezembro, 2016

Accepted 2 Fevereiro, 2017

Publisher 15 Maio, 2017

INTRODUÇÃO

O rio diz ao homem, o que ele deve fazer.
E o homem segue a ordem do rio. Senão, sucumbe (MELLO, 1987, p. 24).

Segundo a epígrafe que inicia este texto, devemos obedecer ao rio, para não perecermos. Então, seguindo sua ordem, naveguemos neste texto com o leme voltado para o percurso do veio caudaloso (às vezes, nem tanto) do rio das Contas, tendo como suporte artístico sua imagem pictórico-poética, enquanto representação da sua paisagem de lá para cá, ou seja, da nascente à foz ou, de oeste para leste. O objetivo desse texto é fazer uma leitura geográfica do rio das Contas, em direção à interpretação e análise da sua paisagem, a partir da sua representação pictórica.

Consideremos as águas do rio das Contas nascendo no cume de uma montanha para doar vida às pessoas da sua bacia hidrográfica, assim como são os rios para o genial artista-pintor-cientista Leonardo Da Vinci, pois, em suas telas os rios representam veias do corpo humano ou veios da Terra, fazendo uma analogia entre o corpo do homem e o corpo da Terra. Nesta concepção os rios são mais do que simplesmente veios d'água... são doadores de vida, são veios da Terra, como pensa Bachelard (2002, p. 65): a água “[...] deve comandar a terra. É o sangue da Terra. A vida da Terra. É a água que vai arrastar toda a paisagem para seu próprio destino”. Ainda, para o mesmo autor, as águas dos rios, águas maternais, águas femininas são comparadas com o amor de uma mãe, imensamente grande, eterno e projetado no infinito...

A água nos seduz com sua energia vital, despertando imagens poéticas traduzidas num simbolismo aquático, como para Dardel (2011), as águas que brotam dos rios são águas que dão vida, são o símbolo máximo da vida ou uma fonte de juventude. Oliveira (2002) corrobora a afirmação sobre a água como um símbolo da vida, fazendo-se presente para garantia da nossa vida biológica e, para Chevalier e Gheerbrant (2007, p. 781): “[...] o rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções [...]”.

Um rio está ligado ao seu fluir... ao movimento contínuo da sua corrente de água, conduzindo suas águas ao seu destino... que pode ser outro rio, um lago ou o mar. As mesmas margens que separam, mesmo que seja uma separação só aparente, podem unir, delimitar, separar ou juntar, depende das pessoas ou da nossa percepção. Assim é o rio das Contas, um rio que flui por terras baianas... um veio que nasce delicado como um fio d'água em uma montanha da Chapada Diamantina, vai ganhando mais água na superfície, correndo em depressões e planaltos por mais de 500 km, de oeste a leste, doando vida ou condições de vida às pessoas que fizeram e fazem a nossa Bahia, até chegar à sua desembocadura no litoral sul baiano, local em que o mangue e a restinga em suas margens são essenciais à vida humana.

De acordo com Chiapetti (2009), ao longo de sua extensão, o rio das Contas conecta três biomas: o Cerrado na Chapada Diamantina (alto rio), a Caatinga no sertão (médio rio) e a Mata Atlântica na área mais próxima do litoral (médio e baixo rio). No primeiro bioma (Cerrado), o rio flui por aproximadamente 135 km; no segundo (Caatinga), por cerca de 230 km e, no terceiro bioma (Mata Atlântica), em torno de 125 km. É difícil estimar sua largura e profundidade em todo percurso, mas dentro da Mata Atlântica tem aproximadamente 30 m de uma margem à outra, com profundidade estimada em cerca de 3 m. No trecho próximo da sua foz tem largura em torno de 200 m, com boa profundidade, apesar de que na maré baixa se apresenta com muitas coroas (depósitos de areia em forma de cordões, que causam o assoreamento do seu leito).

Os principais afluentes que doam suas águas ao rio das Contas são, na margem direita: Brumado, Gavião, do Peixe e Gongogi e, na margem esquerda: Sincorá, Ourives, do Laço, Jacaré, Jequiezinho e Oricó. Ele se apresenta perene em todo seu trajeto, mas não é muito caudaloso em toda sua extensão. Sua vazão é de aproximadamente 1,76 m³/s no alto curso, chegando a cerca de 100 m³/s no baixo curso. As irregularidades pluviométricas ao longo do seu curso e do ano causam acentuada variabilidade nos seus deflúvios, principalmente pelos rigores do clima semiárido

do sertão baiano, quando há perda de água por evaporação, contribuindo, consideravelmente, para diminuição do seu volume de água neste trecho, pois a maioria dos seus tributários é intermitente nos biomas Cerrado e Caatinga. Entretanto, dentro da Mata Atlântica o rio tem um aumento no volume de água, causado pela generosidade dos seus afluentes e pela quantidade de chuva que cai regularmente durante quase todo o ano neste bioma (CHIAPETTI, 2009).

O rio das Contas não é apenas um dos principais cinco rios da Bahia, que nasce num oásis dentro da sua região semiárida, ou seja, a Chapada Diamantina, que corre pelo sertão sem secar suas águas, proporcionando a subsistência da população sertaneja... que navega pela floresta contando os segredos do sertão... e, finalmente, deságua no mar. Mas, é um rio histórico, como todos os grandes rios que são referências para a sociedade. Antigamente, por suas águas navegavam barcos carregados de alimentos, que asseguravam a sobrevivência de muitas pessoas nos povoados em suas margens. Também, ele servia de orientação para os europeus penetrarem no continente, à procura de riquezas no subsolo brasileiro, levando-as para fora do país (que tristeza!).

Nas águas do rio das Contas as pessoas vão desenhando suas histórias de vida, “suas geografias” e, assim, ele vai desenhando paisagens em suas margens, cheias de vida, que “cantam e contam” o seu caminho pelas terras baianas. Inspirando-nos em Bachelard (2002, p. 17), para o qual: “[...] a linguagem das águas é uma realidade poética direta [...]”, no próximo item colocamos a imagem pictórico-poética do rio, que foi projetada/desenhada para iluminar seu percurso, ao mesmo tempo em que alumbra/ilustra nosso texto, já que a água dá movimento aos sentidos e expressões, que se revelam através da nossa linguagem poética.

A POÉTICA DO RIO DAS CONTAS: DA CHAPADA DIAMANTINA AO OCEANO ATLÂNTICO

Importante esclarecer que fizemos a análise da imagem pictórico-poética do rio das Contas pelos caminhos da fenomenologia, relacionando sua leitura e interpretação à compreensão das paisagens percebidas por nós e vividas pelas pessoas que navegam por suas águas e habitam suas margens, indo além da realidade ao sentido do rio, sua essência. Nosso olhar fenomenológico, tanto quanto Lessa (2007), considera a materialidade como resultado da presentificação dos valores, dos signos, ou seja, as paisagens se configuram enquanto essências que caracterizam e qualificam a identidade espacial dos lugares.

De acordo com Bachelard (2005), só a fenomenologia, isto é, a consideração do início da imagem numa consciência individual, pode nos ajudar a reconstituir a subjetividade da imagem e a medir sua amplitude, força e o sentido da sua transsubjetividade. O método fenomenológico, para Bachelard, permite a força da nossa vivência na visão da imagem, não sendo um método puramente descritivo, mas, sim, apropria-se da força da experiência individual para a descrição.

Utilizamos a fenomenologia, portanto, na tentativa de explicar nossa experiência/entendimento sobre a poética do rio (na imagem), os símbolos, suas paisagens, enfim, o sentido do rio, a partir do que percebemos, conhecemos e recriamos. O sentido do rio é a sua essência e, conforme Holzer (1997), as essências são tantas quantas forem as significações que possamos produzir, através da percepção, do pensamento, da memória e da imaginação, dando a estas interpretações marcas universais, intersubjetivas e absolutas. Também, tomamos a fenomenologia, com a intenção de traçar outra escrita do rio, tal qual Gratão (2007a), referindo-se a Dardel quando trata da existência e da realidade geográfica, pela abordagem poética que faz da Geografia.

Seguimos, então, apresentando a imagem pictórico-poética do rio das Contas, assinada pelo artista-arquiteto Bruno Harry Ceccato que, a nosso pedido concebeu-a, para compor as imagens de uma tese de doutorado sobre percepção geográfica em tal rio (CHIAPETTI, 2009). Esta imagem representa todo o percurso de um rio baiano, que brota em uma serra da Chapada Diamantina, no

município de Piatã (de lá) e deságua no mar do Oceano Atlântico em Itacaré (para cá), cidade do sul da Bahia (Figura 1).

Importante ressaltar que a nossa leitura da imagem não pode ser tomada como verdade absoluta, pois assim como um texto escrito, pode possuir insuficiências e limitações, já que é feita a partir da nossa percepção e cognição. Quando esta imagem foi elaborada seu objetivo maior era representar o rio das Contas dentro da Mata Atlântica, foco principal da nossa pesquisa de então, por isso, talvez, tenha mais detalhes no seu trecho final: “Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar” (CHIAPETTI, 2009).



Figura 1 - Imagem pictórico-poética do rio das Contas, Bahia.
Fonte: Chiapetti (2009, p. 72). Elaborada por Bruno Harry Ceccato

Mas, por que estamos chamando este desenho pictórico de imagem poética? Porque quando pedimos para Bruno criá-la, mostramos-lhe algumas imagens do rio das Contas e o descrevemos da nascente a foz, falando dele como se fosse uma pessoa, um amigo, tão grande era nossa intimidade com esse rio, desde que decidimos estudá-lo. Como Gratão (2002, 2007a), encontramos-nos com o rio, sentimos uma geofricidade hídrica que nasce do profundo vínculo afetivo com ele: Topofilia Hídrica ou Hidrofilia!

Bruno, então, foi imaginando materialmente o rio e criando poeticamente tal desenho/imagem, como se estivesse pelas suas águas navegando... vivenciando cada margem, cada paisagem, cada momento, cada curva do rio. Seu imaginário foi seduzido pela nossa imaginação, que conduziu sua mão a desenhar o rio e suas margens banhadas de vida por todo seu percurso! Afinal, segundo Bachelard (2005, p. 2): “A imagem poética emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua totalidade”; contudo, ela também tem uma matéria. A água é matéria e imaginação, embala os sonhos, é fonte de inspiração poética, tal como se manifesta nas imagens e símbolos humanos e em seus atos (GRATÃO, 2007b).

Olhar uma imagem e representá-la pictoricamente, de certa forma, é um tanto fácil para um desenhista-artista; mas, somente para uma pessoa que pensa e sente o mundo com muita sensibilidade (com o coração e a alma). O que, imaginamos, seja difícil fazer para dar o sentido de compreensão e conseguir comunicar sua visão, é interpretar o que pensa uma geógrafa humanista, encantada por

seu objeto de estudo. Neste sentido, podemos afirmar que o olhar desse arquiteto-artista ocorreu pelos “olhos da mente”, pois partiu da sua percepção e imaginação com relação às imagens que lhe fornecemos, dos aspectos das paisagens dessas imagens, indo buscar elementos que as representassem. A imaginação ultrapassa a realidade, ela vê o invisível, ela vai ao fundo das coisas... a imagem só pode ser captada na medida em que tem todo o seu ser na imaginação (CHIAPETTI; GRATÃO, 2010).

Ora, se uma imagem é resultado do olhar de quem a cria, imagina e seu significado é consequência da interpretação dada por quem vê, observa ou pelo espectador, então, a imagem pictórico-poética do rio das Contas é resultado da nossa forma de olhar o rio; e, segundo Ferraz (2009), é esse olhar de observador/criador que interessa à Geografia [Humanista]. Sobre a Geografia na perspectiva humanista, Chiapetti e Gratão (2010) escrevem que ela é uma ciência que tem a possibilidade de encontro com a arte, através de suas categorias de análise, contidas em suas poesias ou em qualquer tipo de representação de arte, como uma imagem, por exemplo. São “novas” (ou nem tanto) maneiras de compreender o espaço e interpretar a cultura expressada por meio da linguagem e/ou imagem, criadas por autores e artistas. Um geógrafo humanista deve, entre outras coisas, despertar nossa consciência de que somos responsáveis pelo nosso espaço geográfico e que devemos refletir de maneira crítica sobre ele e por diferentes meios (a arte pode ser um deles). Portanto, nesse texto fizemos, com sensibilidade e conhecimento da realidade, a análise e interpretação da imagem (neste caso, pictórica ou artística) que representa o rio das Contas e seus fenômenos, com a vida humana representada na sua paisagem.

Uma imagem pode representar aquilo que percebemos, conhecemos, sentimos, ansiamos, imaginamos, sonhamos, vivemos, vivenciamos, pensamos, escrevemos, discutimos... Ler e analisar uma imagem artística pode ser uma maneira de refletirmos esteticamente sobre aquele lugar, aquela paisagem (visão de mundo), pois podemos ler e interpretar esta imagem e, a partir dela, tirarmos informações, conhecimento sobre o lugar, sobre o mundo. Mas, como todo texto não verbal permite diversas interpretações dos seus signos ou desenhos; é a maneira como apreendemos seus significados que vai revelar nossa leitura dessa imagem. Entre a imagem e a realidade que ela representa existem muitos fatores que podem conduzir nossa leitura, por isso, tudo depende do nosso conhecimento da realidade, condição cultural, percepção, imaginação, sentimentos... para a imagem ser uma verdadeira reconstrução da realidade.

A compreensão da estética e da poética da imagem pictórico-poética do rio das Contas nos leva à reflexão sobre o percurso do rio, sobre sua bacia hidrográfica, a partir do conhecimento que temos da realidade do rio. Claro que, além do conhecimento geográfico, é necessária sensibilidade para perceber o contexto em que tal imagem foi criada. Assim, a interpretação estética dessa imagem, de maneira artística e com sensibilidade, revela nossas emoções em relação ao rio. Sua leitura e análise são maneiras de apreender o rio e suas margens reais e esteticamente, oferecendo informações como se fosse uma linguagem, ou seja, um texto visual ou não verbal.

Essa imagem pictórico-poética ilumina nossas palavras, dando-lhes sentido poético, como também ornamenta nosso “amigo-rio”. Demo-nos o direito de assim o chamar, já que no tempo em que o pesquisamos e vivenciamos, passamos a conhecê-lo além da sua forma física, conhecendo-o em sua essência. É assim que o rio das Contas se apresenta nessa imagem/linguagem. Nossa pretensão nesse texto não é analisar conceitualmente a imagem pictórico-poética dentro das noções da semiótica, mas, sim, aprimorar nossa leitura geográfica do rio, poeticamente, como escreve Ferraz (2009), por meio de análises estéticas e sógnicas, na direção de uma interpretação da paisagem, a partir da sua representação pictórica.

Esse desenho pictórico do rio das Contas é uma imagem fixa, parada no tempo, mas capaz de representar suas paisagens. As principais formas de ocupação das margens do rio estão representadas por meio de figuras ou símbolos que exprimem ideias, ou seja, o desenho figurativo e estilizado (uma figura para cada objeto) funciona como um signo (símbolo) da escrita. É como se estivesse escrito um texto sobre o rio das Contas, em forma de desenho, atribuindo-lhe uma inteligibilidade

universal, assim como uma fotografia. Para Pinheiro (2000), a fotografia é um olhar subjetivo, com emoção e que interpreta, recorta, seleciona e escolhe; mas, também, é o olhar do apreciador, com sua cultura, emoção e história de vida. A fotografia é ainda um texto indireto, em que pode esconder-se, para além da imagem, no imaginário.

Quando olhamos para a imagem, o rio das Contas aparece como se nascesse ao fundo (no oeste), dentro das montanhas da Chapada Diamantina, distante na imagem, outra paisagem e, serpenteando com o movimento (energia) da sua água, vai simbolizando a vida nas suas margens, até chegar ao seu destino, à frente na imagem (no leste), quando desemboca no mar, em frente à cidade de Itacaré, litoral sul baiano. Também podemos imaginar um rio que nasce no alto da montanha (1.500 m de altitude), vai descendo... contando simbolicamente todas as aventuras da vida no sertão... e entra na floresta para se encontrar com o mar. Neste caminho, o rio serve de representação da vida humana por onde passa, já que sua água mata a sede e a fome, lava, leva, produz energia, diverte... é a própria sobrevivência humana!

Nessa imagem pictórico-poética estamos poetizando o rio das Contas. Poetizar é dizer aquilo que não poderia ser dito de outra maneira, é buscar as palavras no silêncio, é tirar da sua imagem, da sua paisagem, a inspiração para compor uma música, escrever uma poesia, fazer um desenho, uma pintura ou simplesmente arte, além de imaginar, sonhar, devanear, ou pensar a realidade. Concordamos com Bosi (2006, p. 75): “A verdade da arte é uma verdade de corpo e alma” e, por isso, qualquer expressão de arte pode ser uma maneira direta para alcançar o entendimento das pessoas sobre o que queremos expressar, pois ela é uma linguagem universal, que pode ser entendida por diferentes culturas, promovendo diálogo, reflexão, um encontro entre elas. Poetizar, também, é se deliciar nessa imagem do rio das Contas, a qual cria uma espécie de narrativa poética sobre ele, representada no azul da água e nos tons de cores das suas margens entre o verde e o amarelo (bem brasileiro), indo do verde das montanhas, passando pelo sertão semiárido amarelo, e aos poucos, numa área de transição, tornando-se amarelo esverdeado, até chegar à verde Mata Atlântica.

Ainda, podemos interpretar essa imagem pictórico-poética, refletindo sobre o rio que nasce num “oásis verde” dentro do “sertão baiano amarelo”, contribuindo com as condições de vida da população da Chapada Diamantina (atividade turística nas serras e agrícola nos fundos de vales). Depois, dentro da “Caatinga amarela”, continua doando vida com a agricultura, a caprinocultura e a produção de energia elétrica, para voltar a ser “verde na Mata Atlântica”, em seu trecho mais populoso, como é carinhosamente conhecida, a Região Cacaueira da Bahia (região que ainda produz cacau, uma grande riqueza do Brasil) e, finalmente, desaguar na tranquila praia da Concha, na cidade de Itacaré, muito frequentada por turistas brasileiros e estrangeiros.

As cores têm uma importância muito grande nesta poética do rio, são como que elementos de sustentação da paisagem, contrastando com o azul da água, a qual parece escorrer pela imagem e na realidade produzindo energia elétrica (Usina Hidrelétrica de Pedras, em Jequié), conectando os três biomas, cruzando duas grandes rodovias brasileiras (BR 116 e BR 101), ligando cidades baianas (Juciapé - Jequié - Ubaitaba - Itacaré), passando pelo distrito de Taboquinhas (município de Itacaré), quando o rio fica muito revoltado e se estreita em um cânion e, finalmente, encontrando-se com o mar, ou virando mar!

O valor simbólico das cores representadas na imagem pictórico-poética passa pela própria vida do rio, nascendo na Chapada Diamantina turística, das belas paisagens, sobrevivendo no sertão sofrido da Caatinga, do mandacaru, do bode, mas que também produz lindas paisagens (a depender do olhar), vivenciando o litoral baiano turístico, de verdes matas, rios cristalinos e maravilhosas praias. Podemos afirmar, conforme Grato (2007a, p. 103): “É ‘O Rio’ apreendido pelo olhar, pelo sentido, sensações, no que é ‘visível’ no ‘não visível’; no deslocamento... no movimento... na cor... no cheiro... nos sons & tons... ‘O Rio’ evocando sentimentos, emoções, lembranças, evocando o espírito do lugar...”.

Enfim, essa imagem do rio das Contas, da Chapada ao Oceano, é o próprio rio em sua essência... um rio com água, com margens, com curvas, com vida... que nasce, que corre, que proporciona a vida, que chega ao seu destino... e, que cumpre este destino.

O RIO... DESENHANDO SUAS PAISAGENS

A paisagem geográfica não é, em sua essência, somente para ser contemplada, mas se refere à inserção das pessoas no mundo, um lugar da vida, uma manifestação do seu ser com os outros, base de seu ser social (CHIAPETTI, 2009). Portanto, as paisagens pressupõem a presença das pessoas, mesmo quando estão fisicamente ausentes, pois expressam sua realização e existência na Terra. Assim, podemos afirmar que as paisagens do rio das Contas representam as vivências das pessoas que passaram, habitaram e habitam a sua bacia hidrográfica. São, portanto, paisagens vividas, em que são evidentes as relações das pessoas com o seu lugar, sendo substrato das suas experiências no rio. Para Besse (2006), a paisagem é a expressão da existência, sendo portadora de um sentido, porque ela representa o encontro entre a Terra e a sociedade. Ela é essencialmente mais mundo humano do que natureza. É a cultura como encontro da liberdade humana com o seu lugar, a Terra.

A paisagem é a representação daquilo que vemos; entretanto, a visão é apenas a sensação do que percebemos, uma evidência do invisível. Assim, na tentativa de representarmos aquilo que percebemos e que, muitas vezes, está invisível, utilizamos os símbolos. Portanto, uma paisagem pode ser simbólica, representando a expressão dos múltiplos sentidos que nós conferimos ao nosso meio. Yázigí (2001) também escreve sobre o simbolismo das paisagens, dizendo que elas têm atributos expressivamente simbólicos, o que nos leva a considerar que as belezas naturais do rio das Contas são alguns dos seus símbolos e, por consequência, representam algumas de suas paisagens.

As paisagens do rio das Contas são resultantes de processos históricos, representando diferentes momentos das sociedades que habitaram a sua bacia hidrográfica. É como se ele fosse despejando em suas margens paisagens que vêm transportando em suas águas desde tempos imemoráveis, tornando-se memória da história baiana e, quiçá, do Brasil. Como exemplo, na Chapada Diamantina sua paisagem possui marcas da exploração aurífera e diamantífera do passado e, na Mata Atlântica as paisagens são de fazendas cacauzeiras, as quais historicamente se mantêm produzindo da mesma maneira. A bela e difícil realidade que se move e se abriga nas margens do rio das Contas se apresenta, não só meramente como paisagens representadas em uma imagem pictórico-poética, mas como parte inseparável do todo, que constitui a essência da sua bacia hidrográfica, a sensibilidade humana (ou não), os mistérios da vida, enfim, a vida das pessoas que habitaram e ainda habitam as margens desse rio, construindo sua paisagem e sua identidade. Para Gratão (2002) são paisagens descritas e interiorizadas em sentimentos, registrando intimidades e resguardando percepções e experiências significativas.

As paisagens guardam intenções e ações das pessoas nos lugares, pois vão sendo impressas marcas sobre as paisagens originais e vão sendo registrados os acontecimentos ao longo do tempo, considerando diferentes fatores naturais e culturais. Por isso, as paisagens são resultado de uma sucessão de fatores superpostos intrincados, os quais ficam registrados na memória individual e coletiva da sociedade, tornando-se elementos poderosos de identificação cultural, que estão permanentemente se atualizando.

Então, para analisarmos uma paisagem ou, nesse caso, as paisagens desenhadas ao longo do rio das Contas, além dos elementos naturais e humanos, é necessário compreendermos o sentido deste rio na história da Bahia e a própria história do rio, a qual está voltada para as pessoas que produziram/construíram/vivenciaram suas paisagens. Paisagens essas vividas por indígenas, escravos, mineradores, exploradores europeus, colonizadores portugueses, piratas-ladrões estrangeiros, canavieiros, habitantes das vilas e depois das cidadezinhas que se formaram em suas margens ao longo dos anos, cacauicultores, condutores de barcos, canoeiros, balseiros, pescadores, marisquei-

ras, lavadeiras de roupas, quilombolas, guias turísticos, instrutores de rafting, turistas, esportistas, poetas, contempladores... paisagens vividas por pessoas que construíram e continuam construindo a identidade do rio.

Perguntamos, então: quais são as paisagens do rio das Contas e que paisagens estão representadas na imagem pictórico-poética desse rio? Pois bem, começemos pelas paisagens da sua nascente, paisagens de montanhas da Chapada Diamantina. Quanta beleza... é de tirar o fôlego! O Morro do Pai Inácio (o maior deles na imagem), além de ser esteticamente belo, não existem palavras para explicar a sensação que sentimos quando estamos lá em cima. Talvez, o sentimento de pertencermos à natureza, sermos a própria natureza ou, quem sabe, sermos tão pequenos perto de tamanha grandeza! A serra do Tromba (local da nascente do rio), no lado oeste da Chapada Diamantina, é considerada uma das mais conservadas do estado da Bahia. Toda a rede de drenagem desta serra dirige-se para o rio das Contas, que nasce no extremo sul do município de Piatã.

A paisagem da Chapada Diamantina pode ser identificada, geomorfologicamente, segundo Brasil (1981) como um relevo antigo e desgastado, com montanhas, planaltos dissecados e chapadões que se sobressaem, esculpidos pela água e pelo vento, cortados por vales profundos de rios. Esta paisagem se formou graças à erosão de milhões de anos, pois como algumas rochas sedimentares são mais compactas e outras mais permeáveis, isto é, mais fáceis de serem infiltradas pela água, com o passar dos tempos umas foram resistindo, outras foram sendo mais desgastadas. O arenito, por exemplo, mais resistente ao desgaste pela água, resistiu nas maiores altitudes. As fendas nas rochas facilitaram a infiltração de água e, assim, aquelas menos resistentes foram erodindo, com o auxílio das variações climáticas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1960), a área da Chapada Diamantina (da mesma forma que todo o sertão nordestino) foi sujeita a uma série de sistemas morfoclimáticos diversos. Inicialmente, houve um período úmido quando os vales foram entalhados e se iniciou a inversão do relevo. Posteriormente, o clima se tornou mais seco, as rochas graníticas foram removidas mais rapidamente e os arenitos e os calcários ficaram mais proeminentes. Com o clima seco, ampliaram-se as planícies intermontanas e os depósitos constituídos por sedimentos de calcários finos, conhecidos como calcários da caatinga. Estes sedimentos é que dão indícios de que a área esteve sujeita à alternância de climas.

Quando o clima se tornou mais úmido, os rios começaram a entalhar seus leitos no calcário. Porém, quando se iniciou outra fase seca, eles começaram a ser entulhados novamente por depósitos trazidos pela ação da água da chuva. Esta alternância climática ocorreu nos períodos geológicos do pleistoceno e holoceno (IBGE, 1960). As oscilações climáticas do pleistoceno afetaram todas as superfícies antigas, introduzindo alterações na evolução das vertentes, podendo ser vislumbrados diversos sistemas morfoclimáticos na Chapada Diamantina. Para explicar a evolução da paisagem da Chapada Diamantina devemos entender que a sua formação se deu por processos distintos e ocorreu em tempos geologicamente muito afastados entre si (BRASIL, 1981).

Com relação à ocupação humana da sua bacia hidrográfica, citamos Jorge (2006), ao escrever que o rio das Contas, com seus afluentes, em meio a morros, sertão, florestas e mangues, conferiu às terras baianas um aspecto verdadeiramente encantador, com um ambiente favorável ao estabelecimento de agrupamentos humanos, visto que as condições físicas, a flora, a fauna e a água existente lhes ofereciam oportunidade de subsistência. Assim como muitos outros rios, o rio das Contas certamente teve grande importância no início dos povoados que deram origem às cidades localizadas ao longo do seu percurso. Foi a partir dele que a frente de exploração do ouro avançou no sertão baiano, surgindo povoados e sendo construídas estradas na região ocupada hoje pela Chapada Diamantina (TEIXEIRA; LINSKER, 2005).

Na imagem pictórico-poética do rio, Jussiape é a cidade que representa a paisagem urbana na área da Chapada Diamantina, sendo seu município explorado pela atividade turística. Oficialmente, o município de Jussiape está incluso no circuito do ouro, possuindo uma paisagem histórica pre-

servada pelos costumes e tradições folclóricas, além das belezas das paisagens, como a Serra da Itobira e os antigos garimpos de Pedro Silva e Beta da Tavinha. Há também, sítios arqueológicos significativos, a exemplo das representações pictóricas inéditas da Serra da Tapera e as pinturas rupestres do Espinho (<http://www.bahiaemfoco.com/jussiape>).

Dando continuidade às paisagens do rio, vamos ao sertão semiárido baiano, o qual segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 1994) tem o relevo composto pelas Depressões Periféricas e Interplanálticas e pelo Planalto Sul-Baiano. Para Brasil (1981), esse relevo corresponde ao domínio das Depressões Interplanálticas, as quais ocorrem em uma larga faixa deprimida entre a Chapada Diamantina e o Planalto Sul-Baiano, com relevos evoluídos sobre rochas altamente metamorfizadas ou áreas de escudos cristalinos, que se caracterizam por terem sido submetidas à remoção intensa e, nas quais, predominam influências morfoclimáticas sobre estas estruturas.

Para Conti (2002), a paisagem proveniente do clima semiárido, com suas características litológicas e geomorfológicas, é muito peculiar, principalmente pela presença da vastidão da Caatinga, formada por arbustos secos, cactáceas, bromeliáceas e árvores de rara beleza, como o umbuzeiro. O cacto de nome Mandacaru é um importante símbolo do sertão baiano, por isso foi representado na imagem pictórico-poética do rio, além da caprinocultura, que também compõe sua paisagem poética (as pastagens para criação do bode e da cabra - maior rebanho - predominam na Caatinga). O conteúdo simbólico das paisagens pode ser usado para criação de imagens turísticas, as quais, no caso do sertão baiano, são muito bem representadas por estes elementos ou símbolos, ou seja, as cactáceas e a caprinocultura.

O rio das Contas, dentro desse domínio, não tem um grande volume de água, devido aos rigores do clima semiárido, com ausência de chuva em grande parte do ano e com perda de água por evaporação. Outro fator que contribui para a paisagem seca do rio, é que no município de Jequié ele foi represado para controle das enchentes, abastecimento d'água, irrigação agrícola e geração de energia elétrica, segundo a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF). Agora, ele flui mais lento, em um grande lago (aproximadamente 70 km de extensão e 38.700 km² de área), ganhando força e poder para gerar as bobinas da Usina Hidrelétrica de Pedras, desde 1969 (www.chesf.gov.br). Depois dessa intervenção no percurso do rio, suas águas passaram a ser controladas pelas pessoas, as quais têm o poder sobre a vida do rio (liberação de mais ou menos água nos vertedouros do grande lago) e, só então, ele pode se tornar um rio novamente, um rio humilde escorrendo a jusante... em busca do seu leito. Importante lembrar que, mesmo com todas as controvérsias sobre a instalação de uma usina hidrelétrica, o lago da barragem de Pedras, em Jequié, encanta muitas pessoas, que o utilizam para diversão, pescaria, prática de esportes, inspiração, contemplação... outra paisagem!

Da mesma forma que na Chapada Diamantina, o rio das Contas teve um importante papel na ocupação humana do sertão baiano. Na relação que o sertanejo estabelece com o rio existe toda uma relação de troca de sobrevivência entre ele e o próprio rio, na maneira de senti-lo, de usá-lo e vivenciá-lo. Citamos como exemplo Jequié, o maior município das suas margens, considerado como boca do sertão, pois está localizado na área de transição entre o sertão e a mata. Como antigamente era mais volumoso e estreito, portanto, navegável, o rio das Contas era a principal via de transporte dos produtos necessários à subsistência dos habitantes locais, como: cereais, hortaliças, frutas, legumes e alguns produtos industrializados. Assim, Jequié se desenvolveu a partir da movimentada feira (tradição da cultura nordestina) que atraía pessoas e comerciantes de toda a região.

E, para finalizarmos nossa viagem pelas águas do rio das Contas, a paisagem da Mata Atlântica compreende os Planaltos Sul-Baiano, Pré-Litorâneo e Costeiro. Estes planaltos abrangem relevos montanhosos com feições de serras, entremeados por áreas relativamente planas, com altitudes decrescentes em relação ao litoral (BRASIL, 1981). Ainda de acordo com Brasil (1981), dentro desse bioma, nas proximidades da foz do rio, no domínio geomorfológico da Planície Litorânea, encontram-se Planícies Marinhas e Fluviomarinhas, as quais englobam modelados de origem ma-

rinha, fluviomarinha, coluvial e eólica, que traduzem as etapas de evolução do litoral e dos cursos inferiores dos rios. Em grande parte da sua extensão, nesta paisagem, o rio das Contas é margeado pelos remanescentes da Mata Atlântica em sua fase secundária, que acompanham o deslizar do rio, lento por vezes ou rápido nas corredeiras do distrito de Taboquinhas (município de Itacaré). As árvores, nesse domínio, são de grande porte e abrigam uma rica e diversificada fauna.

Na sua viagem fluvial dentro da mata, o rio das Contas é novamente represado para que suas águas movimentem as bobinas da Usina Hidrelétrica do Funil (funcionando desde 1962), no município de Ubaitaba, sul da Bahia. As paredes dessa barragem o aprisionam, novamente, formando um pequeno lago de aproximadamente 4 km² de área (www.chesf.gov.br). É uma paisagem vivida por pessoas do lugar que sofrem a perda do seu rio e da cachoeira do Funil, a qual ficou submersa com a construção de tal usina. Para Ferreira (2001, p. 100): “Naquela época, só se pensava no progresso da região, e esqueceram a proteção ambiental. A usina foi construída e deram-lhe o nome de ‘Usina do Funil’, em homenagem à cachoeira. Ainda bem que se lembraram dessa homenagem!”. Assim, a futura geração vai saber que existe uma linda cachoeira submersa nas águas da barragem do Funil. Esse mesmo autor explica sobre a cachoeira, que era formada por três grandes pedras unidas, resultando numa enorme cratera em forma de um funil; daí a origem do seu nome. Quando o rio das Contas estava com pouca água, a correnteza passava por debaixo das pedras, dando a impressão de que as águas sumiam dentro da terra, para desaguar somente no mar, bem mais adiante.

Na área de Mata Atlântica do sul da Bahia, o rio das Contas foi um dos grandes responsáveis pelo início do povoamento, sendo abrigo/lar dos indígenas que habitavam a região antes da chegada dos europeus e estrada-hídrica dos portugueses em busca do interior do continente, além de refúgio de escravos fugitivos. Nesse trecho, o rio das Contas representa um elo entre as cidades de Jequié, Jitaúna, Ipiaú, Barra do Rocha, Ubatã, Aurelino Leal, Ubaitaba e Itacaré, já que todas são abençoadas com a sua água, mas também, são responsáveis pela vida do rio, por suas paisagens. Tudo que se faz em uma cidade chega até a outra... é a água conectando vidas. Mas, infelizmente, o rio nesta região apresenta sinais de poluição devido aos resíduos despejados em suas águas pela população dessas cidades, mesmo que a Superintendência de Recursos Hídricos da Bahia (SRH/BA) não comprove tal fato, pois, segundo este órgão estatal, o rio se encontra poluído somente nas proximidades da cidade de Jequié, na transição da Caatinga para a Mata Atlântica.

Do rio fluindo e cheio nessa paisagem só ficou saudade, como a do poeta Fuad Maron, que com sensibilidade e beleza canta, em seu poema, o rio das Contas de Ipiaú.

Rio de Conta, meu pé de saudade

Quando a luz do sol escoa
O céu escuro aparece
Em seguida a água desce,
Enche o rio, e a garça voa...
Ao remar, a canoa dança,
Os barriqueiros com esperança
Atiram a tarrafa n'água,
Enquanto ele deságua
O rio corre, se imprensas e passa
Pelas barracas a espumar
Sob um céu lindo de anil
Correndo gera o funil
E depois galopa pro mar.

De Jequié descia cheio
O rio beijava o por do sol

Refletia no arrebol
Hoje cortado pelo meio...
Era lindo, hoje tão feio
E remove um barro mole
Nada nele mais se bole
Não existem balsas e canoa!...
Martin pescador não mais voa
Viuvinhas, garças foram embora...
Jaçanãs em outras barragens
Frango d'água noutras paragens
Oh!... Meu rio, plantei saudade à toa
Hoje distante, colho aurora.

O Rio de Conta às seis horas
Recebe o beijo d'aragem
Ouvem-se aves cantoras
Gorjeando à sua margem
Quando o sol apaga a falda
Vê-se à noite qual grinalda
Que o luar branco prateia,
E as franças dos coqueiros
São vigilantes guerreiros
Onde o pescador se esconde
E noutras árvores com fronde
E nos fulvos montes de areia.

Rio de Conta de minha cidade
São tão brancas tuas areias
Tu és meu pé de saudade,
Tu corre nas minhas veias.

Fonte: Maron (1997).

Por outro lado, no último município que banha, Itacaré, o rio das Contas oferece suas águas e paisagens para a atividade turística, a qual é um meio de sobrevivência para grande parte da população, corroborando com Gratão (2007b), para quem a água, no mundo todo, tem atraído uma prática turística, cada vez mais desejada e buscada – o turismo de aventura, cultural e religioso. É a presença da água revolta e calma do rio, do relevo de montanha, da Mata Atlântica (ainda com áreas conservadas) e, também, as características locais do mar que se transformam em atrativos para o turismo regional, nacional e internacional. No seu percurso pela Mata Atlântica dentro do território de Itacaré, as paisagens do rio das Contas são marcadas, principalmente, pelo turismo de aventura em suas águas, pois ele vai serpenteando caprichosamente por entre barrancos, formando corredeiras (trechos acidentados de rios, em que as águas têm maior velocidade), um cânion (estreito de rio) e as últimas quedas d'água do seu leito, as cachoeiras do Fumo e Pé da Pancada, no distrito de Taboquinhas.

A cachoeira Pé da Pancada é aquela representada na imagem pictórico-poética do rio, sendo responsável por uma paisagem marcante na história da região, pois como é a última queda d'água conta-se que, antigamente, após transpô-la por terra os cacaucultores carregavam seus barcos com todo o cacau produzido em suas fazendas à beira do rio, para ser transportado até o mar e levado ao Porto de Ilhéus (mais ao sul). Até hoje, quando conversamos com algumas pessoas de Taboquinhas

(em frente a tal cachoeira), elas contam essa história que ficou em suas memórias, pois essa região foi grande produtora de cacau e esse trecho do rio foi um dos responsáveis por levar essa riqueza para seu destino (fora do país). Podemos até imaginar esses barcos (chamados de Gasolina), abarrotados com esse belo fruto amarelo, transportado como se fosse ouro (por isso era chamado de fruto de ouro), deslizando pelos 25 km navegáveis do rio, até chegar ao mar. É uma paisagem do rio, uma paisagem humanamente registrada em suas águas e na memória dos taboquinhenses! É incrível como imaginamos essa paisagem vivida pelas pessoas do rio, quando conhecemos o povoado de Taboquinhas e sua história! A propósito, existe até hoje a estradinha de pedra que levava as carroças carregadas de cacau até a sua margem direita.

Outra paisagem do rio das Contas, dentro da Mata Atlântica, é a prática de esportes radicais, principalmente por turistas. As águas agitadas pelas corredeiras (servem como raias para prática de tal esporte) e pelas margens estreitas do cânion são propícias à prática do rafting (representado na imagem por um bote carregando pessoas pelas águas do rio, em Taboquinhas). Este é um tipo de esporte praticado em corredeiras e pequenas cachoeiras de rios, com a utilização de botes infláveis e remos, em que os praticantes devem usar capacetes e coletes salva-vidas. O rafting é um símbolo da paisagem do rio no distrito de Taboquinhas, já que é uma paisagem turística imensamente divulgada pela mídia regional e vivida por turistas nacionais e estrangeiros.

Também em seu último trecho, o rio das Contas vivencia e, ao mesmo tempo, é o lugar da belíssima paisagem da canoagem de velocidade, esporte praticado principalmente nas cidades ribeirinhas de Ubaitaba (chamada de capital baiana de canoagem) e Itacaré. Este esporte impressiona pela beleza das canoas deslizando suavemente pela água do rio... como se os canoístas estivessem plainando sob o rio... competindo com a velocidade da água ou se misturando à ela!

O rio, em sua aventura heroica pela Bahia, finalmente, encontra seu destino, com a certeza do dever cumprido, ou seja, levar água em seu leito de rio, misturando-a ao mar do imenso Oceano Atlântico! As últimas paisagens do rio estão registradas em seu estuário e em sua imagem pictórico-poética: barcos de pescadores chegando do trabalho no mar, canoas ou barcos de passeios turísticos pelas águas do rio, a vida urbana turística de Itacaré, a praia da Concha e o Farol da Barra, que presenciam diariamente o encontro do rio com o mar, quando o rio vira mar.

Antes, porém, de finalizar esse texto, gostaríamos de escrever, além da essência do rio, sobre sua agonia, ou seja, sobre a morte do rio das Contas nos trechos em que banha algumas cidades, principalmente, Jequié e algumas do baixo rio, em seu trecho mais populoso, na Mata Atlântica. Mesmo que isso não esteja desenhado em sua imagem pictórico-poética, a paisagem real representa a triste imagem da realidade e não esconde essa tristeza! Assim o são as águas do rio das Contas no sul da Bahia, percorrendo muitas cidades e carregando a poluição despejada em seu leito, sem culpa pelos que o fazem.

Tanto precisamos dos rios e por que os maltratamos tanto?! Será que não estamos morrendo junto com nossos rios?! Se a água comanda a Terra, comanda a vida, é a vida da Terra, como podemos maltratá-la, poluindo-a? Qual e como será o destino do rio das Contas, daqui a algum tempo? Não temos respostas para essas questões; mas, com esse texto pretendemos que as pessoas reflitam...

Perguntamos, então, o rio das Contas ainda existe? O poeta jequieense Daniel Gomes de Souza Júnior, em seu poema “Existe um rio”, escreve sobre a importância desse rio no passado, rio que hoje está abandonado e com a futura existência incerta.

Existe um rio

Existe um rio que no passado,
Foi explorado, sugado.
Hoje existe um rio abandonado,
Sujo, quase acabado.

O passado lembra o rio com saudades;
Esse rio que percorre várias cidades
Atravessando balsas, canoas;
Levando história de pessoas.
Pessoas que olham o rio sem afeto,
Sem olhar o concreto...
o rio e seu futuro incerto.
Sem saber se um dia...
podemos intitular um poema:
existe um rio
ou existiu um rio.

Fonte: www.webartigos.com/articles/22272/1/RIO-DE-CONTAS/pagina1.html#ixzz1KjCJ91z8.

Morte social do rio, como escreve o antropólogo Leonel (1998) sobre as relações da sociedade com a natureza, as quais são indissociáveis das relações que os homens mantêm entre si. Sobre a relação que construímos com a Terra, Gratão (2007a) convida-nos a mudar nosso pensamento e atitude, uma vez que nos fizemos donos dos recursos naturais, não respeitando nossos laços naturais e culturais com a Terra. Uma nova forma de olhar o mundo parte de mudanças fundamentais em nossos pensamentos, percepções, atitudes e valores. É preciso que reflitamos!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexão... esperamos que tenhamos conseguido proporcionar uma reflexão geográfico-humanista com a escrita desse texto, um ensaio poético, conduzido pelas águas do rio das Contas, através da sua imagem pictórico-poética, representando as paisagens vividas pelas pessoas da sua bacia hidrográfica e descritas pela nossa percepção. Referimo-nos à reflexão geográfico-humanista porque colocamos os seres humanos como objeto do conhecimento científico, uma vez que as paisagens são por eles construídas e vividas.

Pela fenomenologia, proposta teórico-metodológica que conduziu nossa análise, foi possível interpretar, descrever e compreender, com muita sensibilidade, o percurso do rio das Contas de lá para cá... desenhando suas paisagens, apoderando-nos da nossa experiência e conhecimento geográfico. A pesquisa fenomenológica parte do entendimento do viver e não de definições ou conceitos, sendo uma compreensão voltada para os significados do perceber, que se mostra a si e em si mesmo tal como é. Assim, esse enfoque, abordagem ou atitude metodológica, ainda considerada por muitos como pouco comum, mostrou-se válida em nosso trabalho, considerando que pudemos compreender o que se manifestou, o que se mostrou, de fato, nas paisagens construídas pelas pessoas do rio.

A imagem pictórico-poética teve o papel de representar de maneira artística e esteticamente as nossas emoções com relação ao rio das Contas, uma vez que, a arte é uma maneira de manifestarmos/vivermos a qualidade poética da vida. Assim, os signos, símbolos ou figuras representaram nossa percepção ou leitura geográfica da realidade e, ainda, como apreendemos os significados das paisagens que foram representadas pictoricamente, ou melhor, como retratamos poeticamente o nosso conhecimento da realidade geográfica do rio.

Enfim, nosso objetivo principal foi alcançado, uma vez que pretendíamos, com a elaboração desse ensaio poético sobre o rio das Contas, fazer sua leitura geográfica em direção à interpretação e análise da sua paisagem, a partir da sua representação pictórica. Todas as paisagens desenhadas pelo rio na imagem e registradas em suas águas e margens são demonstrações reais da ligação das pessoas com o “seu rio”, da experiência do ser no mundo, seu espaço vivido. O rio, ao longo do seu percurso (verde, amarelo e novamente verde), carrega paisagens da turística Chapada Diaman-

tina, do sofrido sertão baiano, da verde Mata Atlântica e do belo litoral sul da Bahia, registrando as experiências, as intenções e as ações das pessoas no rio-lugar. A imagem pictórico-poética é, portanto, uma construção física e poético-cultural do rio das Contas da Bahia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 202 p.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 242 p.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006. 108 p.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (Org.) et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 65- 87. 495 p.
- BRASIL, Ministério das Minas e Energia, Secretaria Geral. **Projeto RADAMBRASIL**. Folha SD 24 Salvador: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1981.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Colaboração de André Barbault et al. e coordenação de Carlos Sussekind. 21. ed. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. 996 p.
- CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. **Na beleza do lugar, o rio das contas indo... ao mar**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Rio Claro, São Paulo, 2009.
- CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. A poética n'as curvas do rio: a imaginação geográfica no rio Cachoeira. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 275-289, maio/ago. 2010.
- CONTI, José Bueno. A natureza nos caminhos do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo e ambiente**: reflexões e propostas. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. 177 p. p. 17-26.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.
- FERRAZ, Claudio Benito Oliveira. Geografia: o olhar e a imagem pictórica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 29-41, set./dez. 2009.
- FERREIRA, Ivan Estevam. **Ponte do Cristal**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2001. 224 p.
- GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **A poética d' "O rio" – ARAGUAIA! De cheias... &... vazantes... (à) luz da imaginação!** 2002. 354 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) - FFLCH, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2002.
- GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (À) Luz da imaginação! "O Rio" se revela na voz dos personagens do lugar-ARAGUAIA! **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 17, n. 28, p. 89-120, 1º sem. 2007a.
- GRATÃO, Lúcia Helena Batista. A água no fluxo do turismo - do elemento essencial ao destino do turista... convite ao lazer, prazer, ócio, hierofonia, sonhos e imaginação! In: SEABRA, Giovanni. **Turismo de base local**: identidade cultural e desenvolvimento regional. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007b. 356 p. p. 51-64.
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-85, jul./dez. 1997.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. Vol. V.
- JORGE, Janes. **Tietê, o rio que a cidade perdeu**: o Tietê em São Paulo – 1890 a 1940. São Paulo: Alameda, 2006. 232 p.
- LEONEL, Mauro. **A morte social dos rios**. São Paulo: Perspectiva; Instituto de Antropologia e Meio Ambiente; FAPESB, 1998. 263 p. (Coleção Estudos, 157).
- LESSA, Gabriela. No baixo São Francisco, a viagem do redescobrimento: do espaço ao lugar. Niterói, RJ, 2007. 167 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, RJ, 2007.

- MARON, Fuad. **Os canoieiros do rio das Contas**. Salvador: Graficartes, 1997. 117 p.
- MELLO, Thiago de. **Amazonas, pátria da água**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. 112 p.
- OLIVEIRA, Livia de. Sertão rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 234-242, 1º sem. 2002.
- PINHEIRO, Jane. Antropologia, arte, fotografia: diálogos interconexos. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, UERJ, v. 10, n. 1, p. 125-35, 2000.
- SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. 1994. Disponível em: <<http://www.sei.ba.gov.br/>>. Acesso em: maio 2013.
- TEIXEIRA, Wilson; LINSKER, Roberto (Coords.). **Chapada Diamantina: águas no sertão**. São Paulo: Terra Virgem, 2005. 160 p.
- YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e o cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001. 301 p.